

A GEOGRAFICIDADE E A PLURALIDADE LINGUÍSTICA EM “GRANDE SERTÃO: VEREDAS”, DE GUIMARÃES ROSA  
*The geographicity and linguistic plurality in “Grande Sertão: Veredas”, by Guimarães Rosa*

Amanda Maria Soares Silva<sup>1</sup>  
 Adriana Lélis Santos Costa<sup>2</sup>  
 Cleunice da Silva Lemos<sup>3</sup>

**RESUMO**

Este artigo analisa a dialógica linguística e geográfica de “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, principal fonte bibliográfica deste trabalho. A finalidade é refletir sobre a pluralidade da linguagem Roseana e os costumes dos personagens, os quais se revelam como uma riqueza da cultura típica e regional do interior mineiro. Para isso, foram utilizadas, tanto pesquisas bibliográficas sobre a percepção narrada por Riobaldo, no que diz respeito à paisagem sertaneja, quanto em outras fontes que abordam tais temáticas intrínsecas à obra. Dessa forma, nota-se a representatividade das paisagens do sertão mineiro, os simbolismos linguísticos e culturais das comunidades sertanejas, autoridades, “jagunços” e demais povos que reforçam como esse ambiente ficcional é interdisciplinar na esfera da Geografia e da Literatura.

**Palavras-chave:** Geografia. Literatura. Paisagem. Subjetividade.

**ABSTRACT**

This article analyzes the linguistic and geographic dialogic of “Grande Sertão: Veredas”, by João Guimarães Rosa, the main bibliographical source of this work. The purpose is to reflect on the plurality of the Roseana language and the customs of the characters, which reveal themselves as a richness of the typical and regional culture of the interior of Minas Gerais. For this, both bibliographical research on the perception narrated by Riobaldo, with regard to the countryside landscape, and on other sources that address such themes intrinsic to the work were used. In this way, the representativeness of the landscapes of the Minas Gerais sertão, the linguistic and cultural symbolism of the sertaneja communities, authorities, “jagunços” and other peoples that reinforce how this fictional environment is interdisciplinary in the sphere of Geography and Literature.

**Keywords:** Geography. Literature. Landscape. Subjectivity.

1 Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Montes Claros. amanda.soares@educacao.mg.gov.br.

✉ Campus Universitário Prof. Darcy Ribeiro, Av. Prof. Rui Braga, s/n, Vila Mauriceia, Montes Claros, MG. 39401-089

2 Mestre em Letras (Proletras) pela Universidade Estadual de Montes Claros. adriana.lelis@educacao.mg.gov.br.

✉ Campus Universitário Prof. Darcy Ribeiro, Av. Prof. Rui Braga, s/n, Vila Mauriceia, Montes Claros, MG. 39401-089

3 Mestre em Letras (Proletras) pela Universidade Estadual de Montes Claros. cleunice.lemos@educacao.mg.gov.br.

✉ Campus Universitário Prof. Darcy Ribeiro, Av. Prof. Rui Braga, s/n, Vila Mauriceia, Montes Claros, MG. 39401-089

## INTRODUÇÃO

As obras literárias, como material de investigação geográfica, correspondem a um dos inúmeros esforços iniciados nos anos de 1970, com o intuito de resgatar valores humanos na Geografia e discutir como a reação às tendências são relevantes para compreender tais aspectos (POCOCK, 1981). Nesse contexto, ela é considerada como uma interpretação do cotidiano, pois torna-se humanística e plurissignificativa, ou seja, um grande potencial para informar e revelar aspectos das condições humanas: mundo vivido, trajetória histórica e elementos socioespaciais de um determinado grupo social. Assim, as obras literárias são fontes para substanciar a experiência humana por meio da linguagem.

Sob essa óptica, é válido destacar que as observações feitas por Wanderley (1998), Lima (2000), Monteiro (2002) são referências importantes para compreendermos este campo de pesquisa dentro da Geografia do Brasil. Para isso, foram selecionadas algumas passagens de “Grande Sertão: Veredas”, do escritor mineiro Guimarães Rosa (1908-1967), que abordam as suas relações com as paisagens geográficas do sertão mineiro, a partir de uma narrativa densa e descritiva. Como amoroso da Geografia, sentimento revelado pelo próprio autor no seu discurso de posse como membro titular da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, em 20 de dezembro de 1945<sup>1</sup>, ele revela a maestria de narrar, sob um olhar quase literal, como e onde a história se constrói. Assim, a problemática do artigo é construída pelo seguinte questionamento: qual é a relação da expressividade linguística temporal e regional dessa Literatura Roseana com o espaço geográfico? Com isso, busca-se compreender

como o sertão Roseano nos provoca a fazer a leitura na ótica dos espaços, ao observar essa travessia geográfico-literária como conhecimentos direcionados pela poesia dedicada à narrativa sertaneja mineira dos saberes e modos de vida do sertanejo.

O espaço é descrito de forma tão singular a ponto de confundirmos o ambiente e a figura do homem, visto que o ambiente sertanejo é emoldurado por palavras poéticas usadas para incluir figuras sociais do sertão, dentre eles os excluídos: jagunços, malandros, prostitutas, loucos, crianças, pobres:

Eu queria decifrar as coisas que são importantes. E estou contando não é uma vida de sertanejo, seja se for jagunço, mas a matéria vertente. Queria entender do medo e da coragem, e da gã que empurra a gente para fazer tantos atos, dar corpo ao suceder (Rosa, 1986, p. 93).

Nessa passagem, a construção Roseana é a fração das vivências dos seus personagens, do sertão, do espaço e das tramas da vida, como por exemplo, “Ah, eu estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem... Com isso minha fama clareia? Remei vida solta. Sertão: estes seus vazios” (Rosa, 1986, p. 29). Assim, as relações entre sentimentalismo, expressão das dores da humanidade se entrelaçam nesse espaço ficcional. E, por intermédio dessa obra, ficam evidenciadas que esses personagens teciam sua existência a partir das memórias e vivências, o que os tornavam emoldurados de valores culturais, representações e subjetividades, os quais representavam seres profundamente fortes e com beleza própria, como se observa em: “A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos, cada um com seu signo e sentimento, uns com os outros acho que nem misturam. Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância” (Rosa, 1986, p. 92).

<sup>1</sup> Esse discurso foi publicado na Revista da Sociedade Brasileira de Geografia, n. 53. Rio de Janeiro, 1946, p. 96 - 97

A geografcidade e a pluralidade linguística em “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa  
Amanda Maria Soares Silva, Adriana Lélis Santos Costa e Cleunice da Silva Lemos

“Grande Sertão: Veredas” representa o reencontro da ciência geográfica com a produção literária. O espaço narrativo é um dos centros desta pesquisa. O humano, o cotidiano e as representações do homem sertanejo mineiro envolvem-se estreitamente com essa geográfica regional. Corrobora-se, com esse entendimento, Tissier (1991, p. 236), quando ele destaca que o espaço e as experiências humanas têm como bojo a conexão entre Literatura e a corrente da Geografia humanística, pois “o texto se refere a um lugar preciso; temático, ele se vincula à paisagem, ao conteúdo humano ou social; epistemológico, o leitor atualiza o sentido dos lugares, as representações”. Essa consideração é constatada por meio da descrição do local conhecido como Liso do Sussuarão na divisa de Minas Gerais com a Bahia, na Serra da Suçuarana, mais precisamente no município de Cocos:

Era uma terra diferente, louca, e lagoa de areia. [...] O sol vertia no chão, com sal, enfaiscava. De longe vez, capins mortos; e uns tufos de seca planta – feita cabeleira sem cabeça. [...] E fogo começou a entrar, com o ar, nos pobres peitos da gente (Rosa, 1986, p. 39).

Essa obra apresenta as relações sociais que o sertanejo tem com o seu lugar. A convivência dele na obra preconiza o ver e o conceber norteados pela razão do homem no cotidiano, na dialógica das comunidades rurais e com seres construídos sob um olhar estético de simbolismos e de realidades paisagísticas. É explícito na história dessa narrativa como os personagens revelam o sertão visto por dentro e por fora, como pode ser observado na seguinte passagem: “Enfim, cada um o que quer aprova, o senhor sabe: pão ou pães é questão de opiniões... O Sertão está em toda parte” (Rosa, 1986, p.9).

O conceito de sertão de Guimarães Rosa, no trecho apresentado anteriormente, expressa o lugar vivido do ponto de vista do sertanejo,

como mola propulsora desse enredo de essências. Almeida (1985) e Tissier (1991) confirmam essa ideia expressando que são essências naturais e sociais de determinada; uma porção do espaço são panos de fundos do cotidiano da Literatura e da Geografia.

Com isso, Guimarães Rosa reflete, de maneira autêntica, o ponto de vista dos moradores do sertão e não dos naturalistas europeus que visitaram aquele território brasileiro no Século XIX e que, ao registrar apenas os aspectos naturais, anularam as vivências dos homens do sertão. Rosa debruçou-se em discutir o “ser geográfico do ser humano” (Besse, 2011, p. 112), ou seja, o sertão enquanto paisagem e “espaço vivido”, a partir do ponto de vista de quem o experienciou:

Falo por palavras tortas. Conto minha vida que não entendi. (...) Ao doido doideras digo. Mas o senhor é homem sobrevivendo, sensato, fiel como papel, o senhor me ouve, pensa e repensa, e rediz então me ajuda. Assim é como conto (Rosa, 1986, p. 93 e 457).

O interesse especial de Rosa pelo espaço natural e cultural do sertanejo forma uma “geograficidade” (expressão criada pelo geógrafo francês Eric Dardel), reflexão ontológica da espacialidade que abaliza a conexão humana com a terra como “cumplicidade obrigatória” (Holzer, 2001, p.111). Logo, a geograficidade é:

[...] a geografia em ato, uma vontade intrépida de correr o mundo, de franquear os mares, de explorar os continentes. Conhecer o desconhecido, atingir o inacessível. A inquietude geográfica precede e sustenta a ciência objetiva. Amor ao solo natal ou procura de novos ambientes, uma relação concreta liga o homem a Terra, uma geograficidade (geographicité) do homem como modo de sua existência e de seu destino (Dardel, 1990, p. 1 e 2).

Sob esse aspecto, nota-se o quanto é relevante refletir acerca do espaço e da linguagem plurissignificativa da obra em análise, pois isso

A geograficidade e a pluralidade linguística em “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa  
Amanda Maria Soares Silva, Adriana Lélis Santos Costa e Cleunice da Silva Lemos

revela a riqueza cultural regional que pode ser apreciada em inúmeros outros espaços, por diferentes leitores. Certamente, Rosa revelou-se como autor singular de sua criação estética, influenciando quem lê tal narrativa a conhecer, a desbravar e inquietar-se sob os aspectos linguísticos constitutivos de um raro panorama da Literatura nacional.

### A RESSIGNIFICAÇÃO DAS PAISAGENS DA OBRA

O entendimento do conceito de paisagem em Grande sertão: Veredas, de Guimarães Rosa, ultrapassa o recorte específico espacial pela pluralidade de significados, o que permite a exploração de vários campos do saber: da fotografia, da variedade linguística, do campo social e cultural. Desse modo, não se esgotarão a observação e o estudo dos sujeitos que tecem o cotidiano sertanejo. Sendo assim, tudo isso consiste na impregnação do passado e do presente no espaço, a partir das vivências e das memórias entrelaçadas pela relação entre homem e natureza nessa narrativa literária.

Nesse contexto, a paisagem é uma categoria da Geografia que não define apenas uma fração do espaço geográfico, porém, abrange sentidos, signos, significados e os valores afetivos que auxiliam os grupos sociais ao configurar o seu espaço. A prerrogativa nesse sentido é o singular e não o particular. Longe do esclarecimento, busca a apreender a base do mundo real (Claval, 2002). Ao empregar a arte por meio das palavras como aporte para ampliá-la, recorre-se a Rosa que expõe, por meio da sua obra as subjetividades da percepção da paisagem, para expressar alguns dos seus significados, como constata-se em:

[...] e muitas idas marchas: sertão sempre. Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera: digo. Mas

saímos, saímos. Subimos. Ao quando um belo dia, a gente parava em macias terras, agradáveis. As muitas águas. Os verdes já estavam se gastando. Eu tornei a me lembrar daqueles pássaros. O marrequim, a garricha-do-brejo, frangos d'água, gaivotas. O manuelzinho-da-crôa! Diadorim, comigo. As garças, elas em asas. O rio desmazelado, livre rolador. E aí esbarramos parada, para demora, num campo solteiro, em varjaria descoberta, pasto de muito gado (Rosa, 1986, p. 267).

Essa descrição dentro do viés geográfico e literário mostra-se a multiplicidade de significados, por meio de neologismos da linguagem sertaneja. Ela retrata o homem sertanejo dentro do seu meio social, não só pela lente das feições do espaço, mas também pelo ambiente sedimentado pelas simbioses, valores e crenças. Esses elementos fomentam a percepção do sujeito e produz um emaranhado de significados ao espaço. A leitura desses meios indica interpretações que os grupos humanos conferem às áreas e aos lugares (Claval, 2002). Vera Mayrinck Melo, na publicação intitulada de “Paisagem e simbolismo”, endossa que “No enfoque da apreciação humanista do espaço, todo ambiente, que envolve o homem, seja físico, social ou imaginário, influencia sua conduta” (Melo, 2001, p. 33).

Com isso, nota-se, então, que esses meios permitem relacionar tais significados a outros aspectos e condições da vivência dos diversos grupos humanos. Mediante a compreensão de suas visões de mundo, “a paisagem não existe em si, ela é um olhar particular sobre um fragmento da realidade geográfica, uma invenção histórica e cultural” (Passos, 2006, p. 68). Assim, a multiplicidade linguística das paisagens resulta-se na expressividade das práticas culturais, experiências as quais envolvem valores e crenças coletivas. Para Linda McDowell (1996), a cultura que passa a ter grande importância, no âmbito geográfico da contemporaneidade, pode ser definida como:

Um conjunto de ideias, hábitos e crenças que dá forma às ações das pessoas e à sua produção de artefatos materiais, incluindo a paisagem e o ambiente construído. A cultura é socialmente definida e socialmente determinada. Ideias culturais são expressas nas vidas de grupos sociais que articulam, expressam e contestam esses conjuntos de ideias e valores, que são eles próprios específicos no tempo e no espaço (McDowell, 1996, p. 161).

Ademais, nas publicações de Cosgrove dos anos 80, o significado de paisagem é associado à arte de representar por imagens, isto é, estrutura iconográfica (Cosgrove & Daniels, 1988). Assim, a paisagem não é apenas morfologia, ela insere-se no mundo dos significados (Cosgrove, 1979), o que implica compreender a sua relação com os aspectos culturais. Sobre isso, Claval (2007) vê a cultura, num primeiro momento, como:

O conjunto de instrumentos e de artefatos que permite ao homem agir sobre o mundo exterior, mas vai mais longe que eles: a cultura é também composta de associações de plantas e de animais que as sociedades aprenderam a utilizar para modificar o ambiente natural e torná-lo mais produtivo (Claval, 2007, p. 31).

A fim de compreender essas impressões culturais na paisagem, algumas estratégias metodológicas são lembradas dentro da Geografia cultural. A exemplo disso, Berque (1998) e Duncan (2004), geógrafos culturais, fazem referências às etnometodologias, nomeadamente a fenomenologia e hermenêutica, de maneira a analisar os fenômenos dos espaços, fugindo, assim, do caráter meramente descritivo.

A saber, acepção a paisagem tem uma identidade que é baseada na constituição reconhecível, limites e relações genéricas com outras. “Sua estrutura e função são determinadas por formas integrantes e

dependentes sendo considerada, portanto, em certo sentido, como uma qualidade orgânica” (Sauer, 1998, p. 23). Por esse motivo, as investigações em torno do ambiente ficcional, a linguagem e os costumes dos personagens merecem atenção especial, no tocante à interpretação e leitura de obras sobre o prisma literário.

### O “SERTÃO”

Em “Grande Sertão: Veredas”, são vários questionamentos feitos pelo personagem Riobaldo, como observa-se nas passagens: “O que é o sertão?” Lugar “atrasado”? Bárbaro? Árido? Isolado? Terra sem lei? Pouco povoado? Deserto? E são justamente eles que nos movem a refletir acerca dessas multiplicidades. Afinal, assim, como o personagem, o sertão é uma das matrizes mais fecundas do imaginário popular e, posto isso, merece uma análise reflexiva em torno de tais concepções.

De início, tem-se o entendimento no qual a evolução histórica do significado de sertão mostra que essas alterações de sentido foram regidas segundo os interesses e visões de cada época. O sertão era compreendido para os colonizadores como um espaço além de onde estavam, nesse caso o litoral.

Dessa maneira, esse território desconhecido despertava o mundo fictício do europeu como um local cercado por recursos minerais e cheio de riscos impostos pela natureza bruta e tropical (Melo, 2006). Nesse viés, o termo “sertão”, segundo Barroso (1947) carrega a seguinte origem:

A palavra já era usada na África e até mesmo em Portugal. [...] Nada tinha a ver com a noção de deserto (aridez, secura, esterilidade), mas sim, com a de ‘interior’, de distante da costa: por isso, o sertão pode até ser formado por florestas, contanto que sejam afastadas do mar. [...] O vocábulo se escrevia mais

## A geograficidade e a pluralidade linguística em “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa

Amanda Maria Soares Silva, Adriana Lélis Santos Costa e Cleunice da Silva Lemos

frequentemente com c (certam e certão) [...] do que com s [G. Barroso] vai encontrar a etimologia correta no Dicionário da Língua Bunda de Angola, de Frei Bernardo Maria Carnecatim (1804), onde o verbete mulcetão, bem como sua corruptela certão, é dado como locus mediterraneus, isto é, um lugar que fica no centro ou no meio de terras. Ainda mais, na língua original era sinônimo de ‘mato’, sentido corretamente usado na África Portuguesa, só depois ampliando-se para ‘mato longe da costa’. Os portugueses levaram-na para sua pátria e logo a trouxeram para o Brasil, onde teve longa vida, aplicação e destino literário (Barroso, 1947, p. 401).

Observa-se que a origem da palavra “sertão” jamais fez alusão à ideia de deserto, no sentido de aridez, embora, segundo Melo (2006), no imaginário social, essa é a concepção mais predominante. Nessa ótica, isso influenciou a própria especificação da sub-região<sup>2</sup> do Nordeste, chamada de sertão, tipificada como um local com longos períodos de seca, solos arenosos e pedregosos o que leva a diversos problemas sociais e econômicos.

Além disso, essa ideia também se enraizou no movimento literário do regionalismo da década de 1930, como observa-se em algumas obras de Graciliano Ramos, Raquel de Queiróz, José Linz do Rego, dentre outros (Melo, 2006). Não obstante, mesmo considerado um escritor regionalista, Guimarães preferiu embrenhar-se nas entranhas da subjetividade para fazer o mapeamento da paisagem sertaneja e reforçar tal estereótipo. A partir de um tom prosaico, contextualizado em uma esfera plena da originalidade da narração, ele apresenta inúmeras faces do sertão, inclusive um espaço repleto de beleza e riqueza:

<sup>2</sup> Em razão das diferentes características físicas que apresenta, a Região Nordeste é dividida em quatro sub-regiões: meio-norte, zona da mata, agreste e sertão. Compreender as peculiaridades das sub-regiões nordestinas é de fundamental importância para a análise das relações sociais ali estabelecidas, que refletem diretamente nas atividades econômicas desenvolvidas Cerqueira (1983).

E aí esbarramos parada, para demora, num campo solteiro, em varjaria desecoberta, pasto de muito gado. [...] O que, por começo corria destino para a gente, ali, era: bondosos dias. Madrugar vagaroso, vadiado, se escutando o grito a mil do pássaro rexenão — que vinham voando, aquelas chusmas pretas, até brilhantes, amanheciam 48 duma restinga de mato, e passavam, sem necessidade nenhuma, a sobre. E as malocas de bois e vacas que se levantavam das malhadas, de acabar de dormir, suspendendo o corpo sem rumor nenhum, no meio-escuro, como um açúcar se derretendo no campo. [...] Todo dia se comia bom peixe novo, pescado fácil: curimatã ou dourado [...] (Rosa, 1986, p. 250).

Desse modo, Guimarães Rosa oferece ao leitor a oportunidade de enxergar, por intermédio de cada página de “Grande Sertão: Veredas”, uma multidiversidade de paisagens. Com uma autêntica roupagem descritiva, o autor apresenta, não apenas os aspectos físicos, como árvores de troncos retorcidos e plantas com nomes exóticos, expondo as várias espécies locais, manifestações culturais e dos costumes. Ademais, nessa obra, a perspectiva religiosa é explorada e contribui para a construção dos personagens, das menções a Deus dos embates entre o bem e o mal que colaboram para fundamentar o espaço cultural, a saber:

Compadre meu Quelemém diz: que eu sou muito do sertão? Sertão: é dentro da gente. Defini o alvará do Hermógenes, referi minha má cedência. Mas minha padroeira é a virgem, por orvalho. Minha vida teve meio-do-caminho? Os morcegos não escolheram de ser feios tão frios — bastou só que tivessem escolhido de esvoaçar na sombra da noite e chupar sangue. Deus nunca desmente. O diabo é sem parar. Saí, vim, destes meus Gerais: voltei com Diadorim. Não voltei? Travessias... Diadorim, os rios verdes. A lua, o luar: vejo esses vaqueiros que viajam a boiada, mediante o madrugar, com lua no céu, dia depois de dia. Pergunto coisas ao buriti; e o que ele responde é: a coragem minha. Buriti quer todo azul, e não se aparta de sua água — carece de espelho. Mestre não é quem ensina, mas de repente aprende (ROSA, 1986, p. 309).

A geograficidade e a pluralidade linguística em “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa  
Amanda Maria Soares Silva, Adriana Lélis Santos Costa e Cleunice da Silva Lemos

Nesse viés, é por meio dessa linguagem, que o diálogo possível entre Geografia e Literatura é descortinado, e somos proporcionados por Rosa a extrapolar, dentro do contexto, os objetos ficcionais acerca da compreensão do espaço narrativo. Sobre isso, Melo (2006) destaca que “Grande Sertão: Veredas” não foi escrito com a finalidade de fundamentar um estudo socioespacial, papel que pertence à Geografia, no entanto, observa-se que os conhecimentos socioespaciais são abundantes e intensamente expressivos na narrativa, conforme está em:

O senhor escute meu coração, pegue no meu pulso. O senhor avista meus cabelos brancos... Viver – não é? – é muito perigoso. Por que ainda não se sabe. Porque aprender-a-viver é que é o viver, mesmo. O sertão me produz depois me engoliu depois me cuspiu do quente da boca... O senhor crê minha narração? (Rosa, 1986, p. 546).

Por conseguinte, a acepção geográfica acompanha a estética e a poética do próprio conceito de sertão explanado por Riobaldo para o seu interlocutor invisível, evidenciando-se, então, a linguagem plurissignificativa da obra. Constata-se, pois, a realidade socioespacial simbólica, segundo a percepção/sentimento do personagem-narrador, Riobaldo, como podemos averiguar a seguir:

[...]O senhor tolere, isto é o sertão. Uns querem que não seja: que situado sertão é pôr os campos-gerais a fora a dentro, eles dizem fim de rumo, terras altas, demais do Urucúia. Toleima. Para os de Corinto e do Curvelo, então, o aqui não é dito sertão? Ah, que tem maior! Lugar sertão se divulga: é onde os pastos carecem de fechos; onde um pode torar dez, quinze léguas, sem topar com casa de morador; e onde criminoso vive seu cristo-jesus, arredado do arrocho de autoridade. O Urucúia vem dos montões oestes. Mas, hoje, que na beira dele, tudo dá – fazendões de fazendas, almargem de vargens de bom render, as vazantes; culturas que vão de mata em mata (Rosa, 2001, p. 23-24).

Assim, há uma semântica engenhosa da obra, a qual representa uma verdadeira simbiose com as referências locais e acidentes geográficos em diferentes passagens. Certamente, não se pode excluir nada do que foi construído pelo autor para referenciar um ambiente projetado para exemplificar a exploração de uma parcela da população, suas vivências e representatividades locais. A variedade descritiva dos espaços está amplamente representada pela linguagem típica interiorana:

[...] a gente estava na erva alta, no quase limpo de terras altas [...]. Assim expresso, chapadão voante. O chapadão é sozinho – a largueza. O sol. O céu de não querer ver. O verde carteadado do gameal. As duras areias. As arvorezinhas ruim-inhas de minhas. [...] Ali chovia? Chove – e não encharca poça, não rola enxurrada, não produz lama: a chuva inteira se soverte me minuto terra a fundo, feito um azeitezinho entrador. O chão endurecia cedo, esse rareamento de águas. O fevereiro feito. Chapadão, chapadão, chapadão (Rosa, 1986, p. 313-314).

Destarte, outra marca incisiva da Geografia na Literatura de Rosa é regida pela tradição dos personagens do sertão em atribuir significados aos lugares. Rosa, dentro dessa lógica popular, representa experiências, valores, sentimentos e formas de exprimir a história coletiva ou individual nas paisagens (Bonnemaison, 2002). Esse processo construtivo desencadeia expressivos sentidos para os habitantes locais, os quais tratam-se de símbolos com extensão cultural, denominado pelo autor supracitado de “geossímbolos”.

Além disso, ao ler, cada leitor constrói as representações do sertão e da relação de Riobaldo com as paisagens e com os outros. Esse protagonista narra a história de vida envolta de geossímbolos próprios – rio Urucúia, “rio meu de amor” (Rosa, 1986, p. 68); rio São Franciso “partiu minha vida em duas partes” (Rosa, 1986, p. 289); chapadão, “céu de ferro” (Rosa, 1986, p. 433); manuelzinho-da-crôa,

## A geograficidade e a pluralidade linguística em “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa

Amanda Maria Soares Silva, Adriana Lélis Santos Costa e Cleunice da Silva Lemos

“o passarim mais bonito” (Rosa, 1986, p. 133-134); suave presença de Diadorim, “os rios verdes” (Rosa, 1986, p. 289). Essa construção estética está inter-relacionada com o conhecimento do autor sobre o lugar e por intermédio de uma narrativa poética, uma vez que a riqueza de detalhes extrapola a realidade e parte para o âmbito particular da subjetividade literária.

Em várias passagens do livro averígua-se que o conjunto de experiências e vivências do personagem com o sertão refletiu o caráter pessoal na relação ambiente-percepção do Riobaldo, além da conexão afetiva estabelecida pelo personagem com as paisagens sertanejas. Ademais, outros sentimentos e sensações são despertados pelo personagem com os diversos ambientes, caracterizados como sendo sentimento de rejeição e/ou afetividade. Essas sensações são reconhecidas e denominadas pelo geógrafo Tuan (2005 e 2012) como topofóbicas ou topofílicas<sup>3</sup>, respectivamente.

O sertão humano de Guimarães Rosa estreitou as relações das pessoas com os aspectos naturais, por intermédio de comportamentos geográficos, bem como dos seus sentimentos e ideias concernentes ao espaço e lugar. As reflexões acerca da paisagem à luz desse sentimento de rejeição e/ou afetividade, consiste em ferramentas para garimparmos as singularidades do homem do sertão, e reforçar a dimensão cultural das paisagens do Cerrado em Minas Gerais.

Com base nas descrições de Riobaldo acerca do rio Urucúia e do Liso do Suçuarão, podemos observar a exposição da afetividade e da rejeição, respectivamente:

<sup>3</sup> São os sentimentos, relacionados ao meio, e explorados pela Geografia Humana definidos por Yi-Fu Tuan: topofilia, exprime apego ao lugar, e topofobia, que representa o inverso, o radical fobia remete à aversão, tornando-se o lugar do medo, da repugnância. A familiaridade, nesse sentido, “engendra afeição ou desprezo”, como explica Tuan (2012, p. 114).

Ah, o meu Urucúia, as águas dele são claras certas. E ainda por ele entramos, subindo légua e meia, por isso pagamos gratificação. Rios bonitos são os que correm para o Norte, e os que vêm do poente – em caminho para encontrar com o sol. E descemos num pojo, num pojo sem praia, onde essas altas árvores – a caraíba-de-flor-roxa, tão urucuiana. E o folha-arga, o aderno-preto, o pau-sangue; o pau-paraíba, sombroso. O Urucúia, suas abas. E vi meus Gerais (Rosa, 1986, p. 286).

Eu abaixava os olhos, para não reter os horizontes, que trancados não alternavam, circunstavam. Do sol e tudo, o senhor pode completar, imaginado; o que não pode, para o senhor, é ter sido vivido. Só saiba: o Liso do Suçuarão concebia silêncio, e produzia maldade – feito pessoa! (Rosa, 1986, p. 47).

Nessa perspectiva, percebe-se como a Geografia do sertão representa uma composição de paisagens, grandes chapadões, fragmentados em tabuleiros e com várias formas, as mais variadas. As serras emolduram a paisagem. Vales de rios rasgam o sertão sob diversas ordens hierárquicas – e delineia o velho Chico como comandante superior – e seus afluentes, dentre os quais se sobressai o Urucúia (Souza, 2018).

De modo que, nessa parte do texto, a linguagem expressiva, singular e regional metaforiza Urucúia como rio principal do sertão com todo o seu esplendor e poder abrasivo. Além disso, esculpe um vale de matas compostas por rochas sedimentares (Spigolon & Alvarenga, 2002), as quais formam um labirinto com um complexo de subunidades: lagoas, várzeas, brejos, atoleiros. Entretanto, o contraste de paisagens marca as dualidades do sertão: a insuficiência de água nos baixões secos, areões, conformações que denunciam o difícil e rude sertão.

Não há dúvidas de parte da história sertaneja mineira está em cada página de “Grande Sertão: Veredas” comprovada na cultura da população geraizeira, isto é, de pessoas que têm em comum uma



A geograficidade e a pluralidade linguística em “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa  
 Amanda Maria Soares Silva, Adriana Lélis Santos Costa e Cleunice da Silva Lemos

relação própria no modo de viver, de se relacionar com o bioma Cerrado, especialmente, referente ao conhecimento tradicional passado de geração em geração e caracterizada por uma cultura própria.

Riobaldo pertence à população geraizeira, grupo social característico do Estado de Minas Gerais que possui um patrimônio imaterial, o qual não pode ser medido. Essa sabedoria popular é compartilhada em diversas ocasiões do cotidiano desses indivíduos, como por exemplo, no conhecimento popular das plantas do Cerrado.

E foi aí que o Veraldo, que era de Serra-Frio, reconheceu uma planta que se chamasse Guia-torto, se certo suponho, mas que se chamava candeia na terra dele, a qual se acendia e prendia em forquilha de qualquer árvore, ela aí ia ardendo luminosa, clara, feito uma tocha (Rosa, 1986, p. 401).

Destarte, o saber popular local quanto aos diversos usos de espécies vegetais, costumes, conhecimentos acerca do meio ambiente, elemento condicionador das relações ecológicas. O modo de vida pode ser constatado, por exemplo, nas falas de Riobaldo. Com isso, a percepção aguçada que Riobaldo apresenta sobre o bioma Cerrado determina o seu comportamento e os seus ideais. O discurso do personagem denota uma visão holística resultado dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada indivíduo, em perceber qual ambiente ele está centralizado. Por esse ângulo, verifica-se como os neologismos, intrínsecos ao ambiente expressam a singularidade da obra: um “O dar de aranha, formigas, abelhas do mato indicavam flores” (Rosa, 1986, p. 384).

Em suma, essas relações identificadas reforçam o caráter peculiar calcado em símbolos, representações que denotam a ideia de pertencimento de um povo, sobretudo, com especificidades sertanejas. Por isso, a importância da região quanto à preservação

cultural, de maneira a preservar seus costumes, crenças, conhecimentos e ambiências.

Por fim, o caráter de pertencimento pela qual ficou explícita na escrita Roseana demonstra a representatividade interiorana mineira. Isso corrobora-se no discurso de Augé (1994), ao postular que hoje, nos tempos dos não-lugares, tornou-se difícil de se vivenciar a originalidade da linguagem, dos costumes, das paisagens, em virtude da ausência de relações simbólicas, identitárias e históricas. A leitura geográfica, portanto, no romance “Grande Sertão: Veredas” representa uma vitrine panorâmica do sertão, compartimento que registrou diferentes níveis informacionais e experienciais, o qual instiga a nossa percepção e interpretação das unidades paisagísticas descritas pelo escritor por meio do seu personagem principal, Riobaldo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa análise dialógica e reflexiva sobre as intrínsecas relações entre a Geografia e a Literatura, por meio das descrições paisagísticas e das personagens de “Grande Sertão: Veredas”, de João Guimarães Rosa, percebemos a plurissignificação, e as singularidade geográfica, da linguagem Roseana, bem como da variedade linguística, por intermédio, muitas vezes, de neologismos que expressaram os costumes do sertão mineiro. Como metodologia, utilizamos pesquisas acerca da percepção narrada por Riobaldo da paisagem sertaneja e em outras fontes relacionadas à obra.

Desse modo, constata-se que esse romance apresenta uma profusão de saberes sob uma esfera geográfica das narrativas do personagem Riobaldo, por intermédio do qual conhecemos a multiplicidade, a polifonia, a heterotopia de paisagens e as

A geograficidade e a pluralidade linguística em “Grande Sertão: Veredas”, de Guimarães Rosa  
Amanda Maria Soares Silva, Adriana Lélis Santos Costa e Cleunice da Silva Lemos

identidades do sertão. Podemos observar, assim, que Rosa uniu a realidade concreta, pela experiência e percepção de mundo com a ficção, de maneira que os leitores conectam a narrativa ao sentido, ora literal, ora ficcional, compondo-se uma verdadeira mimese.

Nessa narrativa, a paisagem apresenta vários significados, desde um caráter estético como foi sinônimo de conflitos, emoções, decepções e luta. Essa obra exprime, no interior árido dos personagens, por vezes, marcado pelo sofrimento no sertão mineiro, uma arte literária atemporal. Ao refletir sobre essa tessitura de Guimarães Rosa, considerando as paisagens, buscamos responder ao questionamento de como a Literatura e a Geografia estariam inter-relacionadas nela. Assim, encontramos essa estreita relação, haja vista que elas, não só se caracterizam pela descrição e narração dos espaços, do tempo e do enredo, como também pela metáfora, o que nos possibilitou explorar a multiplicidade desse âmbito ficcional.

Dessa forma, Rosa garantiu à Geografia sertaneja a essência de questões relevantes da existência humana sem se distanciar da cultura linguística e da própria natureza literária. Com isso, reforçam-se, por intermédio da Literatura, relevantes concepções, as quais se relacionam com o mundo interior e exterior dos personagens. Riobaldo, por exemplo, um dos protagonistas, faz a travessia pelas veredas, chapadas, chapadões, lagoas e rios e indica uma alternativa de se vivenciar a geograficidade, em meio ao árduo trabalho e à rotina diária.

Nesse sentido, Cândido (1991, p. 294) aponta que “na extraordinária obra-prima “Grande Sertão: Veredas” há de tudo para quem souber ler, e nela tudo é forte, belo, impecavelmente realizado. Cada um poderá abordá-la a seu gosto, conforme o seu ofício”. Nesse contexto, buscamos, portanto, analisá-la pela expressividade da exuberância Geográfica da linguagem regionalista,

procurando preservar o valor estético conferido pelo autor. Dessa maneira, compreendemos como Rosa construiu uma simbiose entre a interioridade humana, o mundo e a relação do ser-no-mundo. ○

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, N.A. **Estudos sobre quatro regionalistas:** Bernardo Elis, Carmo Bernardes, Hugo de Carvalho Ramos, Mário Palmério. Goiânia: Ed da UFG, 1985.
- AUGÉ, Marc. **Não-lugares.** Campinas: Papirus, 1994.
- BARROSO, G. A origem da palavra Sertão. **Boletim Geográfico.** Rio de Janeiro: IBGE, V(52): 401-403, junho, 1947.
- BERQUE, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma Geografia cultural. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem, tempo e cultura.** 2. ed. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998. p. 84-91.
- BESSE, Jean. M. **Ver a Terra: seis ensaios sobre a paisagem e a Geografia.** Tradução de Vladimir Bartalini. São Paulo: perspectiva, 2011.
- BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia cultural: um século (3).** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83-131.
- CÂNDIDO, Antônio. Sagarana. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). **Guimarães Rosa (Coleção Fortuna Crítica).** 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 243-247.
- CERQUEIRA, P. C. L. **A seca no contexto do Nordeste.** São Paulo: Edições Mandacaru Ltda, 1983.
- CLAVAL Paul. **A Geografia Cultural.** Tradução de Luiz Fugazzola Pimenta e Margareth C. A. Pimenta. Florianópolis: Editora UFSC, 2007.

A geograficidade e a pluralidade linguística em "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa  
Amanda Maria Soares Silva, Adriana Lélis Santos Costa e Cleunice da Silva Lemos

CLAVAL, P. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da Geografia. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). **Elementos de epistemologia da Geografia contemporânea**. Curitiba: Editora da UFPR, 2002. p. 11-46.

COSGROVE, Denis. A Geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998.

COSGROVE, Denis. Social formation and symbolic landscape. Madison: University of Wisconsin Press, 1998 a. **Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO v. 1, n. 1set/2007.

COSGROVE, Denis. Mapping/Cartography. In: Sibley, David et al., orgs. COSGROVE, Denis; DANIELS, Stephen, orgs. **The iconography of landscape. Essays on the symbolic representation, design and use of past environments**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

COSGROVE, Denis. Place, landscape, and the dialectics of cultural Geography. **Canadian Geographer**, vol.22, p.66-72, 1979.

DARDEL, Eric. **L'homme et la terre**: nature de la réalité Géographique. Paris, ed. Cths, 1990.

DUNCAN, J. A paisagem como sistema de criação de signos. In: Corrêa, R. L.; Rosendahl, Z. (orgs) **Paisagens, textos e Identidades**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004, p. 90-132.

HOLZER, Werther. A Geografia fenomenológica de Eric Dardel. In: ROSENDAHL, Zeny; CORRÊA, Roberto Lobato (orgs.). **Matrizes da Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001, p.103-122.

LIMA, S.T. de. Geografia e Literatura: alguns pontos sobre a percepção da Paisagem. In: **Geosul**. Florianópolis, 15, nº 30, jul/dez, 2000.

MCDOWELL, Linda. A transformação da Geografia cultural. In: GREGORY, Derek; MARTIN, Ron; SMITH, Graham. **Geografia Humana. Sociedade, Espaço e Ciência Social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p.159-188.

MELO. Vera Mayrinch. Paisagem e simbolismo. In: **Paisagem, imaginário e espaço**. Organizadores, Zeny Eosendahl, Roberto Lobato Corrêa. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2001.

MELO, Adriana Ferreira de. **O lugar-Sertão: grafias e rasuras**. 2006. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MONTEIRO, C.A.F. **O Mapa e a Trama: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2002.

PASSOS, Messias Modesto dos. Eco-história da paisagem. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 15, n. 1, p. 69-83, 2006.

POCOCK, Douglas C.D. **Humanistic Geography and Literature**. London : Croom Helm, 1981.

ROSA, João Guimarães. **Grande Sertão: Veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SAUER, Carl. O. A Morfologia da Paisagem. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Paisagem, Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p.12-74.

SOUZA, A. F. G. (2018). **A paisagem sanfranciscana: nuances e cenários de ontem e de hoje**. *Revista Da ANPEGE*, 14(23), 80–119.

SPIGOLON, A.L.D.; ALVARENGA, C.J.S. Fácies e elementos arquiteturais resultantes de mudanças climáticas em um ambiente desértico: Grupo Urucúia (Neocretáceo), Bacia Sanfranciscana, Brasil. **Revista Brasileira de Geociências** (2002), 32(4): 397 - 405.

TISSIER, J. Géographie et Litterature. In: BAILLY, Antoine; FERRAS. Robert; PUMAIN. Denise (Sous la direction). **Encyclopédie de Géographie**. Paris: Economica, 1991.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Tradução de Lívia de Oliveira. São Paulo: Difel, 2012.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

A geograficidade e a pluralidade linguística em "Grande Sertão: Veredas", de Guimarães Rosa  
Amanda Maria Soares Silva, Adriana Lélis Santos Costa e Cleunice da Silva Lemos

WANDERLEY, V.M. Geografia e Poesia do Sertão Nordestino: Uma  
revisitação às trilhas romanescas de Ariano Suassuna. In: DINIZ, J. F et

al. (orgs.). **Capítulos de Geografia Nordestina**. Aracaju: NPGeo/UFS,  
1998.

Submetido em junho de 2023.

Revisado em março de 2024.

Aceito em junho de 2024.